

As restrições ao queijo francês demonstram a dor de cabeça tarifária da UE

A alfândega estadunidense terá dificuldades para controlar os direitos de cada país.

As autoridades alfandegárias dos Estados Unidos da América (EUA) enfrentarão um verdadeiro desafio, se o presidente Donald Trump cumprir a ameaça de impor tarifas especiais a seis países da União Europeia (UE), e não sobre o conjunto da UE, levando em conta a facilidade de circulação de mercadorias entre os Estados Membros, noticiou a Reuters.

Trump quer aumentar tarifas sobre bens procedentes da Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Países Baixos e Suécia, membros da UE, assim como aos não membros Noruega e Reino Unido, até que seja autorizado a comprar a Groenlândia.

Tecnicamente possível, burocraticamente complexo

De acordo com as normas da UE, produtos manufaturados no bloco são identificados apenas como sendo de origem da UE, embora países terceiros possam exigir informações de um país membro.

Mas, pode ser difícil determinar qual produto foi fabricado em um país determinado, membro da UE, devido as extensas cadeias de suprimento transfronteiriças e a facilidade de transportar mercadorias dentro do bloco, sem controle alfandegário. Estabelecer a origem das mercadorias seria uma tarefa complexa para as autoridades alfandegárias dos EUA.

Niclas Poitiers, pesquisador do site Bruegel, disse que não será difícil para pequenas empresas dissimular o lugar de produção, enquanto as grandes, que adotam cadeias de suprimento mais transparentes, poderão decidir deslocar suas produções.

Os EUA podem atacar as marcas?

As marcas são geralmente associadas a países específicos, mas a produção pode estar em qualquer lugar. A Volkswagen, por exemplo, fabrica carros na Alemanha, mas também na Eslováquia, enquanto a sueca Volvo possui fábrica na Bélgica, com capacidade similar à de sua sede em Göteborg, que produz o XC60, modelo ícone da marca.

A Volvo transferiu sua produção depois que foram estabelecidas as tarifas adicionais. O XC60 começará a ser fabricado nos EUA no final do ano. Também aumentou a produção de veículos elétricos na Bélgica, depois que a UE impôs tarifas sobre veículos elétricos fabricados na China. No entanto, esse tipo de transferência leva, em geral, pelo menos um ano.

O que dizer então dos vinhos e queijos franceses?

Os alimentos e bebidas emblemáticas da UE, como a champagne ou o camembert, podem ser alvos fáceis, pois são comercializados e vendidos de forma a destacar sua marca de origem francesa.

Para reforçar esse princípio, a UE dispõe de um sistema de Indicações Geográficas (IG), que confere direitos de propriedade intelectual a qualquer um dos 4.000 produtos ligados a regiões específicas, como o presunto de Parma, italiano, ou o queijo Manchego espanhol, passando pela azeitona Kalamata da Grécia. Assim, o termo “champagne” não pode ser utilizado para outro vinho espumante que não seja produzido na região de Champagne, no nordeste da França, e o termo “Feta”, para o queijo específico da Grécia.

Os EUA já denunciaram diversas vezes, o sistema como protecionista, especialmente quando ele é integrado aos acordos comerciais da UE para garantir que os parceiros concordem em respeitar e proteger inúmeros produtos. Dos seis países visados, a França é o que possui o maior número de IGs.

[Acesse aqui a matéria na íntegra](#)

Fonte: The Dairy Site – Tradução livre: www.terraviva.com.br